

Cruzada

Nancy Holder e Debbie Viguié

Tradução

Fábio Fernandes

Editora Underworld

Minas Gerais

2010

*À minha filha, Belle Holder. Eu lutaria
com um milhão de vampiros por você, minha querida.*

E derrotaria todos.

- N.H.

*A meu pai, Richard Reynolds, que constantemente
me ensina que existem coisas neste mundo
pelas quais vale a pena lutar.*

- D.V.

AGRADECIMENTOS

Estou tão grata a todos que se juntaram a nós nesta cruzada. Um romance é uma grande empreitada, e uma nova série é uma empreitada maior ainda. Obrigada às legiões que se juntaram a nós na jornada, especialmente nosso fantástico agente, Howard Morhaim, e nossa editora que é realmente maravilhosa, Annette Pollert, assim como nossa família na Simon & Schuster, incluindo Bethany Buck, Mara Anastas, Paul Crichton, Taryn Rosada, Bess Braswell, Venessa Williams, Sammy Yuen, Mike Rosamilia, Katherine Devendorf, Karen Sherman e Stacey Sakal. *Gracias* a Lawrence Schimel, que ajudou com o espanhol; qualquer erro que possa haver é nosso. Meu mais profundo agradecimento e amor para Debbie, minha irmã em armas, minha co-autora e minha mais querida amiga. Minha gratidão ao marido de Debbie, Dr. Scott Viguié, que nos manteve as duas sãs. Obrigada também a Katie Menick, e a Kate McKean, também incluídas em nossa representação literária. Obrigada à minha família, e a Richard Dean

Anderson por estrelar meu programa de TV favorito¹. E *besitos* para minha amigas – Pam Escobedo, Amy Schricker e Beth Hogan.

- N.H.

Tanta gente se juntou a nós para trazer *Cruzada* ao mundo, e seus esforços incansáveis asseguraram que essa história fosse tudo o que poderia ser. Gostaria especialmente de agradecer a Howard Morhaim, um grande agente, e Annette Pollert, uma maravilhosa editora, por seu entusiasmo e apoio. Obrigada a Nancy, a melhor colaboradora que alguém poderia desejar. Obrigada também a Belle Holder por sua energia e incentivo. Eu também gostaria de agradecer a meu marido, Scott, a minha mãe Barbara, e a minhas amigas Calliope, Juliette e Ann. Eu combateria vampiros ao lado de vocês a qualquer dia!

- D.V.

¹ A autora está falando da série de ficção científica *Stargate SG-1*, exibida nos Estados Unidos entre 1997 e 2007. A série ainda é exibida no Brasil, no canal de TV a cabo SyFy. (N. do T.)

LIVRO UM

HADES

Em uma noite escura,
com ânsias em amores inflamada,
ó ditosa ventura!,
saí sem ser notada,
estando minha casa sossegada.

--São João da Cruz,
Místico de Salamanca do Século 16

Capítulo Um

Por milhares de anos os Malditos se esconderam nas sombras, enganando a humanidade e fazendo com que ela pensasse que eles não existiam. Então, um dia, eles simplesmente... pararam. Céticos se transformaram em crentes numa fatídica manhã. E nunca mais ninguém esteve a salvo.

Ninguém sabe por que eles se deram a conhecer. Por que eles escolheram um Dia de São Valentim² no começo do século vinte e um para revelar sua presença. Uns dizem que isso tinha a ver com o fim do mundo. Outros, que eles simplesmente ficaram cansados de se esconder.

Eu tinha doze anos quando Solomon, o líder dos vampiros, apareceu pela primeira vez na TV, abriu sua boca cheia de presas e mentiu para nós. Treze quando a guerra estourou. Quinze quando os Estados Unidos declarou trégua... quando, na realidade, nós nos rendemos, e o pesadelo realmente começou.

Mesmo depois disso, muitos de nós não conseguiam sequer pronunciar de fato a palavra “vampiro”. Era como se, assim que admitíssemos isso, tivéssemos então que acreditar em Deus, alienígenas ou conspirações do governo também. Ou em bruxas e lobisomens... em tudo e qualquer coisa que possa nos destruir. Porque nós podíamos ser destruídos. Perdemos uma coisa tão preciosa – nossa fé de que um dia tudo ficaria bem. Porque não estava nada bem... e poucos acreditavam que as coisas um dia voltariam a estar bem.

² Dia dos Namorados nos EUA, comemorado em 14 de fevereiro. É mais conhecido como *Valentine's Day*, mas, apesar do nome, a data foi apagada do calendário oficial de santos pelo Papa Paulo VI em 1969. (N. do T.)

Então, entre aqueles de nós que juraram não abandonar toda a esperança, os vampiros passaram a ser chamados de Malditos. Aprendemos que esse havia sido o nome que lhes fora dado muito tempo atrás pelos poucos grupos que sabiam de sua existência mas que nunca compartilharam esse conhecimento. Mas os amaldiçoados não eram os vampiros – éramos nós. Eles haviam nos seduzido com seus sorrisos hipnóticos e conversa de coexistência pacífica e imortalidade mesmo enquanto preparavam uma guerra contra nós. Então eles procuraram nos transformar em seus escravos, e beber rios de nosso sangue.

Tenho quase dezoito anos agora, e aprendi uma coisa sobre mim mesma que eu poderia nunca ter sabido se tivesse sido capaz de viver uma vida comum.

Mas não há nada de comum na minha vida.

Nada.

Nem mesmo eu.

*-- do Diário de Jenn Leitner,
descoberto nas cinzas*

Vilarejo de Cuevas, Espanha

Equipe Salamanca: Jenn e Antonio,

Skye e Holgar, e Eriko e Jamie

O crepúsculo mal havia chegado, e a morte explodia ao redor de Jenn Leitner.

Era uma armadilha, ela pensou.

O céu crepitava com as chamas; uma fumaça oleosa sufocava o ar e queimava seus pulmões. Jenn lutou para não tossir, com medo de que o som a expusesse. De quatro, seus cabelos castanhos escuros soltos e caindo sobre os olhos, ela se arrastou de baixo do telhado de telhas vermelhas da antiga igreja medieval quando ela desabou numa explosão de faíscas alaranjadas escuras. Fragmentos de azulejo, pedra e madeira em chamas ricochetearam na direção da lua cor de sangue, despencando de volta à terra como inúmeras bombas. Atordoada, ela meteu os cotovelos na terra e avançou à força com as pontas das botas, grunhindo de dor quando um pedaço grande e fumegante de madeira caiu em suas costas com um ruído de coisa fervendo. Lutou para continuar quieta ao sentir a dor excruciante percorrendo seu corpo. Mordendo o lábio com força, ela sentiu o gosto de cobre do sangue ao rolar sobre o próprio corpo para extinguir as chamas.

Ao seu lado, Antonio de la Cruz sibilou um alerta. O cheiro de seu sangue encheria o ar noturno, atraindo os vampiros que eles haviam sido enviados para caçar – mas que os estavam caçando em vez disso. Quando Jenn era pequena, sua avó lhe havia dito que tubarões podiam farejar uma gota de sangue na água a quase um quilômetro de distância. Ela nunca mais entrou no oceano desde então. Malditos podiam sentir o cheiro do sangue no ar a mais de um quilômetro e meio de distância. Com tubarões você podia

optar por ficar fora da água. Com Malditos era diferente. Você não podia deixar o planeta. Você estava aprisionado.

Assim como estamos agora.

Antonio a estudou com seus olhos espanhóis profundos. Jenn balançou a cabeça para que ele soubesse que ela estava bem; ela podia continuar seguindo em frente. Não tinha tempo para vasculhar sua jaqueta à procura do emplastro antibiótico com infusão de alho que bloquearia o odor de seu sangue. Só podia rezar, enquanto se arrastavam para fora, que o fedor dos prédios em chamas – e dos corpos em chamas – mascarasse o cheiro por tempo suficiente para que pudessem escapar.

Passando pelo terreno da igreja, os carvalhos estavam pegando fogo, bolotas estourando, folhas se incendiando como papel higiênico esfarrapado. A fumaça enchia o céu noturno cor de tinta, abafando o brilho fraco do luar, mas a luz infernal das fogueiras iluminava cada movimento de Jenn e Antonio. Combine isso com o lábio ensanguentado dela, e os dois eram alvos muito fáceis para os monstros selvagens que queriam massacrar todo o vilarejo.

Antonio parou subitamente e levantou a mão em sinal de alerta. Ela o observou de perto. Mechas de seus cabelos negros revoltos escapavam de sua touca; suas sobrancelhas escuras grossas estavam ligeiramente erguidas,

e seu maxilar cerrado. Assim como ela, ele estava todo vestido de preto: suéter preto, calças cargo pretas, joelheiras pretas, e botas de couro preto – e agora cobertas de cinzas. Ela podia ver o brilho da pequena cruz incrustada de rubis que ele usava na orelha esquerda. Um presente, ele lhe havia dito quando ela perguntara a respeito. Seu rosto havia ficado mais sombrio quando respondera, e ela sabia que a história estava mal contada. Tanta coisa de Antonio era um mistério para ela, tão intrigante quanto os ângulos agudos e as reentrâncias ocas de seu rosto.

Ele estava concentrado, escutando; tudo o que Jenn podia ouvir eram as chamas e os gritos aterrorizados e ultrajados dos aldeões, vindos das casas e dos prédios de escritórios ao redor. Seu mundo se tornou o rosto e a mão de Antonio, manchados de fuligem, e ela tensionou os músculos para estar pronta para se mover quando a mão dele abaixasse. Ela queria parar de tremer. Queria parar de sangrar e sentir dor. Queria que outras pessoas pudessem fazer o resgate, ao invés deles.

Mas em algum lugar na escuridão, os Malditos estavam observando. Ela os imaginou olhando para ela, e podia quase ouvir sua gargalhada cruel e ansiosa no ar acre.

Três vampiros e seis caçadores espreitavam uns aos outros naquele inferno fumegante. *Se os outros caçadores ainda estiverem vivos. Se escaparam da igreja em chamas.*

Não pense nisso agora. Não pense em nada. Espere. Observe.

Cuevas, uma pequena cidade espanhola que ficava a duas horas de sua base natal, havia sido aterrorizada por vampiros durante semanas, e seu prefeito havia implorado por ajuda. Jenn fazia parte de um grupo de caçadores de vampiros treinados chamado de Salmantinos, formados pela *Academia Sagrado Corazón Contra los Malditos* da Universidade de Salamanca, antiga de séculos. Padre Juan, o mestre deles, os havia enviado para Cuevas a fim de livrá-la dos Malditos.

Ao invés disso, os vampiros estavam caçando os caçadores, como se soubessem que eles estavam chegando, como se os tivessem atraído até ali. Jenn ficou se perguntando como eles tinham ficado sabendo. Haveria algum espião na universidade? Alguém em Cuevas os havia traído?

Ou o manual dos caçadores não estaria certo sobre todos os vampiros?

Não pense.

No final daquela tarde, Jenn, Antonio e os outros caçadores haviam estacionado no bosque e caminhado em silêncio até a igreja, onde

aguardaram, meditando ou rezando, e se preparando para a batalha à frente. Os vampiros apareceram com as sombras chapadas do crepúsculo e, literalmente num piscar de olhos – eles podiam se mover mais rápido do que a maioria das pessoas podia ver – puseram fogo nas ruínas de pedra do *castillo*; nas lojas de tijolos e concreto da praça; e no vidro e no aço de um punhado de prédios modernos de escritórios. Caixas de flores alinhadas na praça, que antes transbordavam com gerânios brancos e cor de rosa, espocavam como fogos de artificios; janelas estilhaçaram; buzinas de carros soaram como sirenes e em toda parte, em todo lugar, incêndios rugiam.

Em seus dois curtos meses caçando juntos como uma equipe, os Salmantinos haviam combatido números maiores – certa vez o número chegou a onze – mas aqueles Malditos haviam sido recém-convertidos. Quanto mais jovem o sanguessuga, mais fácil de derrotá-lo, pois ainda não teriam se adaptado completamente a suas novas habilidades... ou suas fraquezas.

Contra vampiros mais velhos, como os três que espreitavam na escuridão, só se podia torcer para que eles ainda não tivessem dado de cara com um caçador. Que tivessem ficado tão acostumados a chacinar os indefesos que subestimassem os que sabiam como revidar.

Mas os Malditos de Cuevas haviam atacado primeiro, o que significava que eles sabiam do que os seis caçadores eram capazes. Quando Jenn e os outros Salmantinos haviam sentido o cheiro da fumaça, só tiveram tempo para despertar Antonio de suas meditações em uma pequena capela particular atrás do altar e se arrastarem para fora.

Agora estavam expostos e vulneráveis. E...

Jenn piscou. Antonio não estava mais a seu lado. Não estava em lugar nenhum que ela pudesse ver. O pânico envolveu seu coração, e ela gelou, sem saber o que fazer. Diretamente em frente a ele, um carvalho estremeceu dentro de sua grossa capa de fogo, e um imenso galho arrebentou, caindo na terra com um *fuom*.

Ele me deixou aqui, pensou ela. Oh, Deus.

Respire, ela se lembrou, mas ao inalar, a fumaça encheu seus pulmões, e ela teve que pressionar a boca com o punho. Perdeu o equilíbrio e caiu de cara no chão de terra. Jenn engoliu o desejo de tossir. A queimadura em suas costas ardia como uma marca; ela era um alvo. E estava só.

Onde está você, Antonio? Ela perguntou silenciosamente. *Como pôde me deixar?*

Lágrimas começaram a brotar. Jenn sacudiu com força a cabeça. Tinha de se mexer. Se não se movesse, teria uma morte horrível. Ela já tinha visto vampiros matarem pessoas. Mas ele não ia deixar que isso acontecesse a ela. Ia?

Não pense. Simplesmente se mexa.

As unhas de Jenn se enterraram no solo quando ela se levantou. Ao estilo fuzileiro, ela forçou seu caminho para a frente, cambaleando para a esquerda quando outro enorme galho de carvalho caiu da árvore em sua direção como uma lança flamejante. Ela tinha de se afastar dos prédios que desabavam e das árvores que caíam antes de poder pensar em partir para a ofensiva.

De repente, um sussurro, um *shushshushshush*, e Jenn rolou mais para a esquerda no exato instante em que um vampiro caiu de costas ao lado dela. Seus olhos azul-claros se arregalaram numa máscara mortuária, e seu hálito fedia a sangue apodrecido. Ela pensou tê-lo ouvido grunhir uma palavra, talvez um nome.

Então, de repente, o vampiro desabou em pó e foi espalhado pelos ventos quentes. *Menos um*, ela pensou, cobrindo a boca para evitar inalar algum dos restos do vampiro. A primeira vez em que Jenn vira isso

acontecer, ficara incapaz de falar por mais de uma hora. Agora não conseguia evitar o sorriso triunfante que se escancarava em seu rosto.

Jenn lutou para se por de pê; Antonio estava a um hálito de distância; seus olhos queimando, a estaca que havia matado o vampiro ainda agarrada em sua mão. Ele era bem mais alto que ela, um metro e oitenta em comparação com seus um metro e sessenta e cinco. Quando ela estendeu a mão para tocá-lo, um grito de gelar o sangue rasgou o ar da noite; e ela partiu naquela direção, esperando que Antonio fizesse o mesmo.

Em vez disso, o corpo dele saiu voando por cima do ombro direito dela e desabou em cima de uma pilha de galhos e folhas queimando.

- Antonio! – ela gritou, e então girou sobre os calcanhares assumindo uma postura de luta, encarando o vampiro que o havia jogado pelo ar com a mesma facilidade com que alguém podia jogar moedinhas num balcão. O Maldito era alto e corpulento, e sorria de tal maneira que suas presas reluziam à luz das fogueiras. Seu rosto estava coberto de sangue. O estômago dela revirou, e ela tentou não pensar em quantos dos aldeões já estavam mortos.

Jenn pegou rapidamente uma estaca na aljava em seu cinturão, agarrando-a com força na mão direita, e abriu um bolso de velcro com a

esquerda para tirar uma cruz. Ela queria desesperadamente olhar para trás para ver Antonio. Não ousava.

O vampiro arreganhou os dentes para ela e resfolegou, com um sotaque leonês-espanhol³ carregado. – *Pobrecita*, posso ouvir as batidas assustadas de seu coração. Igualzinho ao coelho na armadilha.

Ele arranhou seu rosto com unhas que pareciam garras antes de pular para trás a uma velocidade estonteante. Jenn sentiu o sangue escorrer quente e grudento pela face antes de sentir a pontada.

Jenn foi começando a se aproximar dele com muito cuidado. *Eu sou uma caçadora*, ela lembrou a si mesma, mas a mão que segurava sua estaca tremia feio. Certamente ele podia ver isso. Se ele atacasse, havia uma boa chance de que ela não seria rápida o suficiente. O treinamento especializado que ela havia recebido na academia a havia ensinado a antecipar os movimentos de um vampiro mesmo quando não podia vê-los. Eles se moviam tão rápido, os Malditos. Padre Juan disse que eles se moviam mais rápido do que o homem podia pecar. Ele dizia que eles podiam matar você e você jamais saberia que havia acontecido; mas se tivesse sido uma pessoa corajosa e justa, os anjos lhe diriam tudo a respeito, em canção.

Eu não sou corajosa.

³ O leonês é uma língua românica que surgiu a partir do latim vulgar, falada na região ocupada hoje pelas províncias espanholas de León e Zamora, na Espanha. (N. do T.)

Respirou fundo e virou a cabeça ligeiramente para o lado. Sua melhor aposta para rastreá-lo era não olhar diretamente para ele. O movimento era captado de modo mais eficiente pelo canto do olho. Ela havia aprendido isso na academia, e isso a havia salvo antes. Talvez a salvasse novamente.

Mas talvez não.

O vampiro permaneceu visível, enrolando, mas mais provavelmente brincando com ela antes de matá-la. Alguns vampiros eram como matadores em touradas, fazendo a dança da morte como um ritual. Para outros, a caçada era um meio para se atingir um fim – sangue humano fresco, de um coração ainda batendo.

Um movimento nas sombras atraiu seu olhar. Jenn lutou para não reagir quando um dos outros caçadores – o Caçador, Eriko Sakamoto – se aproximou de mansinho na direção do vampiro, o corpo pequeno traindo sua força superior. Vestida em tons noturnos como Jenn e Antonio, ela usava um suéter com gola rulê, calças de couro e botas de solado grosso com fecho de Velcro até metade da panturrilha. Seus cabelos curtos com gel a faziam parecer uma guerreira tribal. Listras novas de fuligem marcavam suas maçãs do rosto altas e douradas.

O som dos incêndios mascarou qualquer ruído da aproximação dela. Eriko atraiu o olhar de Jenn, e Jenn começou a se aproximar pela direita, colocando o vampiro entre elas.

- Caçadores... *jóvenes*... vocês não são nada especiais, afinal resfolegou o Maldito.

- Somos especiais o bastante para transformar você em pó – grunhiu Jenn, tentando manter a atenção do vampiro centrada nela. Concentrou-se em suas presas e não em seus olhos, para não ser hipnotizada por ele. Essa era uma das primeiras regras de sobrevivência: resistir ao olhar hipnótico dos Malditos, criado para colocar suas presas em transe. – É melhor começar a rezar. Você vai morrer.

O vampiro debochou, aproximando-se devagar dela, aparentemente sem reparar que outra caçadora avançava atrás dele, estaca na mão. Talvez o cheiro do sangue de Jenn estivesse mascarando o aroma mais sutil de carne humana intocada.

- Rezar é para mortais – ele disse – que precisam implorar para que alguma divindade os salve. E, como sabemos, essas orações nunca são atendidas.

- Nunca? – perguntou Jenn, sentindo o sangue escorrer pela face. O vampiro olhava fixamente para aquilo como se não bebesse há séculos.

- Nunca – ele respondeu.

Eriko se mantinha à distância, e Jenn pensou uma coisa terrível: *Ela está me usando como isca*. Jenn começou a recuar, e o vampiro fez que ia dar um passo gigantesco em sua direção. As mãos dela estavam escorregadias de suor – por causa do calor, por causa do medo – e a mão que segurava a estava começou a escorregar. Ela tentou segurá-la com mais força. O vampiro viu, e riu dela.

- Nunca – ele respondeu.

Jenn deu mais um passo para trás, e sua bota esmigalhou alguma coisa. Sentiu o estômago revirar enquanto fagulhas voavam para todo lado. E se fosse Antonio?

Não conseguiu evitar uma olhadela para baixo. Era apenas um galho. O vampiro se atirou para cima dela sibilando.

- Não! – Jenn gritou, caindo para trás.

O vampiro caiu em cima dela, os olhos sedentos de sangue. As presas dele eram compridas e curvas; ela se debateu, esquecendo todo seu treinamento, cada manobra que poderia salvá-la. O hálito dele fedia a sangue fresco, e ela ouviu a si mesma gemer.

Antonio.

Então, subitamente, o Maldito subitamente desapareceu. Jenn se levantou, pousando agachada, consciente de que havia perdido sua cruz. Eriko havia puxado o vampiro para cima e estava em cima das costas dele, pernas enroscadas em sua cintura. Ele começou a bater nela enquanto ela entrelaçava os dedos embaixo de seu queixo, forçando sua cabeça para trás. Ele sibilou e agarrou-a pelos tornozelos, tentando desgrudá-la.

- Jenn, enfie a estaca nele – ela gritou. – Agora!

Jenn piscou. Ela deu dois passos para a frente, e então parou por uma fração de segundo. Simplesmente parou.

Não conseguiu mais ver nem Eriko nem o vampiro. Eles estavam se movendo rápido demais para que ela pudesse rastreá-los. Ela saltou para a frente, esfaqueando o ar. Não fez contato. Captou vislumbres, borrões, mas não o bastante para conseguir um alvo. Vencendo a exaustão, Jenn continuou atacando, a mente acelerada. Se Eriko morresse, a culpa seria de Jenn.

Então ela os viu. O vampiro havia sido forçado a se ajoelhar, e Eriko estava em pé atrás dele, as mãos ainda entrelaçadas sob seu queixo. Jenn correu para enfiar a estaca nele quando Eriko deu um sorriso feroz para ela, e arrancou a cabeça dele. Seu corpo sem cabeça ainda manteve a pose; Eriko jogou a cabeça, com força, nas chamas que avançavam. Era uma coisa que

Jenn jamais conseguiria ter feito; ela não tinha a força sobre-humana de Eriko.

- Pelo menos as orações de alguém foram respondidas – disse Eriko, ofegante, enquanto o corpo se desintegrava. Ela saiu numa marcha acelerada na direção de um muro de pedra em ruínas à esquerda das duas, que marcava a extremidade norte do cemitério da igreja. – Vamos continuar nos movendo.

Jenn se virou para onde havia visto Antonio pela última vez, mas ele não estava lá. Outro surto de pânico tomou conta dela enquanto ela corria na direção do lugar. Ele simplesmente havia *sumido*. Mas não podia apenas tê-las abandonado; não podia ter *partido*.

- Antonio! – ela gritou. – Espere, Eriko. Antonio!

- *Sí* – ele gritou. – *Sí*, Jenn.”

Antonio abriu caminho por entre arbustos em chamas alguns metros além do carvalho, batendo rolos de fumaça que ainda subiam em espirais de suas roupas chamuscadas. Suas mãos estavam enegrecidas e soltando pele.

Ela correu para ele e então parou hesitante à sua frente, apavorada e envergonhada das dúvidas que sentia. – Você está bem? – ela perguntou.

Ele assentiu, muito sério. – Vou ficar.

Ela começou a tremer. – Eu fiquei preocupada. Pensei ... - a voz se perdeu. Não importava o que ela havia pensado. Tudo o que importava era que ele estava vivo e ali.

- Você não achava que eu a deixaria, achava? – perguntou Antonio, o olhar intenso ao estender a mão para segurar carinhosamente o rosto dela. – Eu estava vindo ajudar você e Eriko. – Então a expressão suave sumiu por um instante, e ela viu seu desespero. Ele o ocultava bem... mas não bem o bastante, pelo menos para alguém tão concentrado nele quanto ela. A sombra nos olhos dela falava de algo que ele havia se recusado em compartilhar com ela – sua ferida mais funda.

Seu segredo mais sombrio.

Lágrimas fizeram seus olhos arder. Jenn amava Antonio, e queria confiar nele. Mas confiança era uma coisa que ela havia deixado para trás dois anos antes, quando passara pelas portas da universidade. Ela havia aprendido a não confiar em seus olhos, sua mente ou mesmo em seu coração. Toda vez que se esquecia disso, quase se deixava matar.

- Ay, no – Antonio murmurou, olhando para ela. – Eu nunca deixaria você.

Antonio acariciou seu rosto com o polegar, e ela fechou os olhos, aconchegando-se ao toque. Cheio de calos, aveludado. Quando os lábios

dele roçaram os dela, ela retribuiu o beijo com um soluço. Ela jogou os braços ao redor de seu pescoço e se agarrou a ele. Os lábios dele eram macios e suaves contra os dela, e o gosto dele se misturou com o leve sabor metálico do sangue em sua boca.

Ela se inclinou contra ele e gemeu, querendo mais. Então, subitamente, ele desapareceu *mesmo*.

Jenn abriu os olhos e viu Antonio agachado a poucos metros de distância, olhos brilhando e presas crescendo. Eriko se encaminhou rapidamente até Jenn, uma estaca grossa na mão. Um golpe, e ela poderia matá-lo.

- *Estoy bien* - Antonio soltou um grunhido fundo na garganta.

Limpou alguma coisa escura dos lábios na calça cargo preta.

O sangue dela.

- Eriko, eu estou bem – ele disse em inglês.

Aquela voz sempre fazia Jenn estremecer, mas se de medo ou desejo ela nunca sabia ao certo. Às vezes, quando se beijavam, ela esquecia, apenas por um momento, tudo o que os mantinha separado.

Antonio era um vampiro.

Ela se forçou a dar uma boa olhada: os dentes brilhantes, o olhar faminto e feroz que ele agora passara a exhibir, a maneira como os músculos

no rosto dele se contorciam quando ele tentava superar sua sede de sangue. Ele não gostava que ela o visse assim, mas ela precisava. Precisava se lembrar disso para poder proteger a si mesma... e a ele.

Alguns vampiros afirmavam ser capazes de controlar seus desejos, mas Antonio de la Cruz era o único que ela havia encontrado que realmente conseguia isso. Anos de meditação, estudo e oração lhe haviam dado a força de que ele precisava. Ou era isso o que ele afirmava.

Mas no fundo, no fundo, Jenn sabia que cada momento que passavam juntos desgastava um pouco daquela força dele. Um dia ele não recuaria, e ela teria de matá-lo. Se conseguisse. Ou algum dos outros caçadores o faria. Como Eriko. Ou Jamie...

- Ótimo – disse Eriko. – Um a menos. – Mas ela não abaixou a estaca. Musculosa e baixinha, Eriko era dois anos mais nova e cinco centímetros mais baixa que Jenn. Quando se formaram na Academia dois meses antes, Eriko fora a escolhida de sua turma para receber o elixir sagrado que conferia velocidade e força impressionantes. O elixir era tão difícil de fabricar que só havia o suficiente para um Caçador, com *C* maiúsculo. O líder deles.

- Antonio matou um também – disse Jenn.

Eriko ergueu uma sobrancelha e olhou para Antonio, que assentiu. Seu rosto estava voltando ao normal. – Só havia três, certo? Estamos quase no final então.

- Três foi o que nos disseram – disse Jenn, relaxando só um pouquinho. Ela pegou seu emplastro de alho e o aplicou rapidamente ao rosto e ao lábio.

Eriko suspirou e pressionou as pontas dos dedos da mão que estava livre contra os fios curtos de seus cabelos. – Os aldeões podem ter contado errado. Não seria a primeira vez que isso acontece.

Jenn engoliu em seco. – Desculpe, Eriko – disse ela. – Eu não apoiei você.

Eriko deu de ombros. – Você não tem o poder que eu tenho, Jenn. Você agiu bem.

Mas Jenn sabia que não. Ela havia entrado em pânico. Ficara mais preocupada sobre Antonio do que com qualquer outra pessoa, incluindo ela própria.

Eriko olhou para Antonio. – Antonio, por outro lado...

- Ele se queimou – disse Jenn, zangada e na defensiva com a implicação daquelas palavras. – Olhe as mãos dele.

- Que diabos, deu tudo errado, cacete – uma figura xingou. Jenn se virou e viu duas figuras se aproximando. Uma era alta, de cabeça quase raspada, cheia de tatuagens nos braços e no pescoço, o que lhe dava o aspecto de um demônio à luz das fogueiras. A camiseta de gola rulê que ele vestira antes havia desaparecido, e só restava uma camiseta de baixo. Esse era Jamie O’Leary.

Para variar, a garota caminhando ao lado dele não discordou. De suas roupas de batalha pretas – jaqueta acolchoada, *leggings*, botas que iam até as coxas – até suas tranças rasta branco-alouradas, até o anel de prata em forma de lua crescente em seu polegar, Skye York estava coberta de fuligem, exceto onde as lágrimas haviam cortado caminhos por suas bochechas pálidas.

Skye fazia círculos no ar com a mão enquanto murmurava um encantamento com o refrão em latim “*desino.*” Cesse. Um a um, os incêndios em sua vizinhança se apagaram.

- Os Malditos estão todos mortos? – perguntou Jamie, olhando ao redor. Olhou para Antonio. – Os que temos *permissão* de matar? – acrescentou explicitamente.

- Existe mais um – disse Eriko. – Eu peguei um, Antonio pegou outro, e isso deixa...

- Nenhum – interrompeu Jamie. – Peguei um na minha saída da igreja. – Ele olhou para os outros e lhes mostrou as palmas das mãos chamuscadas. – Atravessei ele pelas costas com um pedaço de madeira incandescente. Bom e comprido, pegou ele no coração.

- Isso é ótimo; acabamos, então – disse Eriko, sorrindo para seu parceiro de combate. Jamie retribuiu o sorriso, obviamente curtindo o fato que ambos haviam conseguido mortes. Não tinham estado perto um do outro quando a igreja foi consumida pelas chamas, mas ainda assim eles foram os que provocaram o mais dano. A energia praticamente crepitava no ar entre os dois. Eles pareciam pertencer um ao outro, de algum modo.

Depois de jejuar, rezar e trabalhar feitiços, Padre Juan os havia reunido em pares de combate na noite de formatura, insistindo em que cada um cumprisse algum equilíbrio complicado de yin e yang, claro e escuro.

Força e fraqueza.

Jenn fez par com Antonio, para grande alívio seu. Eriko e Jamie fizeram um par, e eles forçavam um ao outro e a si mesmos cada vez mais. Skye e Holgar eram o terceiro par, e tinham uma relação de intimidade silenciosa um com o outro que era de dar inveja.

Assim como Jenn, Jamie não tinha nenhum dom ou poder especial. Mas sua ferocidade e as capacidades de combate que sua família em Belfast

instilaram nele com uma vida inteira de treinamento mais do que compensavam isso.

Eriko parecia não se dar conta da maneira como Jamie olhava para ela... Era um olhar que ia além de um relacionamento Caçador-caçador... Devia ter sido óbvio para Skye também, quando ela se virou para se concentrar em seus encantamentos. A bruxinha gótica deles estava muito a fim de Jamie, e Jamie não tinha a menor noção disso. Jenn não tinha certeza se os outros membros da equipe sabiam, ou se ela era a única que havia percebido. Sentiu ao mesmo tempo pena por Skye e, francamente, espanto, porque Jamie era um babaca. Não fazia a menor questão de esconder o desejo de estar em outro lugar; ele nem sequer acreditava que deveria existir uma equipe de caçadores. Jamie só estava ali porque o Padre Juan lhe havia pedido para ficar em Salamanca e servir à causa. Se não fosse por sua lealdade profundamente arraigada à igreja, Jenn tinha certeza de que até mesmo a atração que Jamie sentia por Eriko não seria o suficiente para evitar que ele fosse para casa.

Ao terminar seus encantamentos para os incêndios, Skye tocou com suavidade as palmas das mãos de Jamie, e a pele dele começou a se curar. Seu rosto delicado e sujo de fuligem quase reluziu quando ela o infundiu com sua energia de cura. Jamie suspirou de prazer mas não disse nada.

Skye se voltou para Antonio. Mover-se para sua posição enquanto o sol ainda estava alto havia enfraquecido o organismo dele. Ele estendeu as mãos, palmas para cima, e Skye moveu suas mãos sobre as dele e sussurrou em latim antigo. Jenn se sentiu relaxar aos poucos. Ela detestava quando Antonio se aproximava do fogo. O fogo era uma das poucas coisas que podiam matar um vampiro. Vampiros também podiam ser mortos pela luz do sol, uma estaca de madeira no coração, e decapitação.

- Quantos mortos, *brujita*? – Antonio perguntou baixinho, chamando Skye de “bruxinha” ao flexionar os dedos. – Aldeões?

Skye balançou a cabeça, as tranças rasta dançando nas suas costas. – No mínimo cinquenta. Quando os incêndios começaram, os vampiros mataram as primeiras pessoas que tentaram escapar dos prédios em chamas. O resto ficou com tanto medo... - Ela não conseguiu falar mais.

- Alguns deles ficaram dentro de suas casas e morreram queimados – Jenn terminou por ela, o estômago dando voltas. – Então fracassamos.

Eriko balançou a cabeça. – Se não tivéssemos vindo, ninguém estaria vivo.

- E quanto a isso – disse Jamie, cuspiendo no chão de terra. – Como diabos eles sabiam...

- Onde está Holgar? – perguntou Skye, olhando ao redor à procura de seu parceiro de combate.

- Frito, extra crocante se tivermos sorte – resmungou Jamie.

- Desculpe, irlandês, mas minhas orelhas não foram queimadas – retrucou Holgar, mancando na direção do grupo. Suas roupas pendiam esfarrapadas no corpo. Feridas abertas no peito e nas pernas já haviam começado a formar cascas. Suas mãos pingavam sangue, mas se era sangue dele ou de outros, Jenn não sabia dizer.

Jamie soltou um palavrão baixinho, mas Jenn só conseguiu entender as palavras “...maldito lobisomem.”

Jamie não escondia o fato de que, se havia uma coisa que detestava mais do que os Malditos eram os lobisomens. O mundo em geral não havia sido forçado a aceitar a existência de humanos que se transformavam em feras com a lua cheia, mas o povo de Jamie na Irlanda havia testemunhado sua selvageria em primeira mão. Para ele, vampiros eram o inimigo, e lobisomens, seus cúmplices traiçoeiros. Quando os vampiros se revelaram à humanidade, os lobisomens haviam escolhido permanecer ocultos, se passando por humanos comuns. Eram tão poucos que isso deu certo, e eles conseguiram manter seu número reduzido tendo poucos filhotes. Eles se aliaram aos vampiros, que em troca mantiveram seu segredo. Foi uma

barganha maligna, e, até onde Jamie sabia, provava por que eles deveriam ser exterminados. Eles haviam destruído o mundo, e por isso deveriam ser erradicados da existência. Sem exceções, sem misericórdia. Tanto Holgar quanto Antonio tomavam cuidado quando estavam perto dele, e Jenn queria que o Padre Juan o liberasse de sua promessa de permanecer com a equipe. Quando você lutava por sua vida, precisava saber que todo mundo que estava do seu lado viria em seu socorro.

Naturalmente, ninguém pode contar comigo também. Jenn engoliu em seco ao sentir a vergonha consumi-la por dentro.

- Padre Juan queria que entrássemos em contato com ele assim que tudo estivesse acabado – Skye lembrou ao grupo.

- É, pra ver se sobrevivemos a esta maldita armadilha – disse Jamie. Ele estreitou os olhos. – Ah, qual é. Vocês todos estão pensando a mesma coisa. Alguém contou aos Malditos que a gente estava vindo. Nós fomos emboscados. – Ele olhou direto para Antonio. Antonio levantou a cabeça e retribuiu-lhe um olhar de pedra. A tensão no ar era tão espessa quanto a fumaça que estivera ali pouco antes.

- Padre Juan – disse Eriko em seu celular. - *Hai*. Estamos todos bem. *Hai, hai*. – Jenn sabia que Eriko estava cansada. Ela ficava alternando para japonês e curvando a cabeça a cada sílaba.

Jamie desviou seu olhar de Antonio para Holgar, e depois para ela. Jenn sabia que ele também não gostava dela. Para ser mais preciso, ele a detestava. Por causa de Antonio. E, por isso, Jamie também precisava tomar cuidado, pelo menos quando estava perto do parceiro de combate de Jenn.

- O que aconteceu com você? – Jenn perguntou a Holgar. Ela reparou que Antonio havia se afastado alguns passos e estava cobrindo a mão com a boca. O cheiro de sangue em Holgar era grande.

- Vampiro. Foi difícil por um momento, mas eu finalmente consegui enfiar uma estaca nele.

- Diabo do cacete – xingou Jamie.

- Desculpe? – perguntou Holgar, claramente intrigado com a reação de Jamie.

- Isso quer dizer que são quatro, e não três – Antonio disse baixinho.

Instantaneamente todos ficaram em alerta. Jenn sacou outra estaca da aljava no seu cinturão e girou para encarar a escuridão. Procurou outra cruz no seu bolso. – Você acha que há mais algum? – ela sussurrou.

Houve um momento de silêncio, interrompido somente pela resposta ocasional de Eriko ao mestre deles, enquanto continuava a transmitir informações.

- O único vampiro cujo cheiro consigo sentir é o nosso – Holgar disse depois de um minuto.

- Eu não ouço nada – confirmou Antonio.

Skye lançou um rápido feitiço de observação. – Acho que só havia quatro – ela confirmou.

Todos relaxaram ligeiramente. Antonio se abaixou e pegou um pedaço de madeira esturricada que havia sido parte da igreja. Ele o enfiou no chão como se enterrasse uma estaca no coração da própria terra. De um dos bolsos de sua calça cargo ele puxou uma bandeira. A seda grossa branca tinha uma cruz vermelha consistindo de quatro braços curvos de igual comprimento – a cruz dos Cruzados originais. Um capacete azul de cavaleiro coroado com três penas brancas – a cor azul para a Virgem, as três penas para homenagear a Trindade – fincadas no braço superior da Cruz. Abaixo, a palavra “Salamanca” estava costurada em uma fonte remanescente das fontes mouriscas da Espanha. Era o antigo símbolo do Caçador de Salamanca. Os caçadores usavam emblemas combinando nos ombros esquerdos, que podiam ser cobertos por abas de velcro.

- Esta cidade está sob nossa proteção - Antonio anunciou ao amarrar a bandeira à estaca. – Os caçadores de Salamanca. – Então ele recuou e fez o sinal da cruz, primeiro sobre a bandeira, e depois sobre ele

próprio. Era uma coisa estranha e miraculosa que Antonio pudesse fazer isso, pois as cruzes faziam os outros vampiros queimar. Como o único outro católico praticante no grupo, Jamie rangeu os dentes, e depois fez o mesmo. Como Bruxa Branca, Skye era nominalmente wiccana, e Eriko era budista. As raízes de Jenn eram bávaras, e sua família há muito tempo havia parado de pensar como católica. Eles não eram nada. Quanto a Holgar, ela não tinha a menor ideia de em que ele acreditava. O resto abaixou a cabeça por um breve instante em respeito à bandeira.

Equipe Salamanca, vitoriosa. Mas, quando Jenn olhou para a bandeira, pensou em todos os mortos e moribundos em Cuevas e não pôde evitar imaginar como poderia proteger alguém quando não conseguia sequer proteger a si mesma ou a seus colegas de equipe.

Uma brisa começou a soprar e a bandeira balançou desafiadora, um símbolo de tudo o que havia sido combatido e perdido – os caçadores que vieram antes deles e os que viriam depois. *Deus nos ajude a todos*, pensou Jenn.